

Mulheres de hoje...
Cooracção de sempre





Mulheres de hoje...
coração de sempre

Para o
Sr. Fernando Pessoa
Com muita
Simplicidade do
f. de Carlos Augusto

B-1924

Do mesmo autor:

A Profecia ou
O Mistério da Morte de Tut-Ank-Amon.

Imp. LIBANIO DA SILVA
Travessa do Fala-Só, 24
LISBOA



F. DE CARVALHO HENRIQUES
Mulheres de hoje...
Coração de sempre

Capa e um "hors-texte" originais de A. d'Almeida Azevedo

LISBOA - 1924

Desta edição fizeram-se duas tiragens
especiais impressas a verde-bronze:
uma em papel AVIATOR de diversas
côres, a outra em papel farpado
MOYEN AGE.

N.º 124

5
2
0

4 . 1 9 2 4

Reservados todos os direitos.
Copyright 1924 by Fernando Val do Rio de
Carvalho Henriques

PREFÁCIO

Foi êste o meu primeiro trabalho literário.

Feito cerca de um ano antes do romance «A Profecia», diverge muito do trabalho que acabo de referir, pois foi escrito completamente a brincar, como convem que se digam verdades, quando essas verdades são susceptíveis de irritar as ultra-modernas «Mulheres de hoje», que, no fim de contas, não passam de pobres escravas de Sua Excelência o «Coração de sempre». E por certo não pensaria em publica-lo, se o conhecimento da verdade que nêle há, não pudesse ser útil àquelas que mo inspiraram, louvando as suas virtudes e condenando as suas extravagâncias, único intento do meu modesto trabalho.

F. de C. H.

Mulheres de hoje... coração de sempre

MARIA TERESA, JEANNE e GRACE são grandes amigas.

Conheceram-se há anos, todas três sentadas no mesmo banco dum automóvel, durante uma excursão aos arredores do Cairo.

Desde êsse momento por algumas semanas não mais se separaram. Juntas subiram à pirâmide de Kufu, juntas desceram ao templo do túmulo de Kafrá. Ante a estátua colossal do deus Harmaku que, olhando por cima delas sem lhes ligar importância, serenamente sorria, Maria Teresa, Jeanne e Grace, a quem muitas vezes haviam chamado esfinges, sentiram que ser esfinge na verdade é qualquer coisa de belo e terrível ao mesmo tempo, mas sobretudo um pouco chique...

Visitaram depois as titânicas ruínas da soberba Baalbeck, onde os carminados lábios das tres fizeram repetidos oo de espanto.

As vetustas bancadas do gigantesco teatro da erudita Pérgamo sentiram também o pêso delas. Em Creta passados dias desembarcaram; e em Gnossos, no antigo labirinto de Minos, recordaram a apaixonada Ariadne, que dera ao moço Teseu o novelo de fio com que aquele, depois de ter matado o fabuloso Minotauro, obteve a liberdade e... a formosa libertadora.

Vistas ainda foram as três amigas, sempre juntas, em Constantinópla, Atenas e Salónica. E por fim, no Mar Adriático, na velha cidade dos doges, veio a hora das despedidas.

O convívio de tantos dias, a troca de tantas impressões, fizera das três interessantes mulheres três verdadeiras amigas.

Ao separarem-se, a fim de Jeanne seguir para a sua luxuosa vila em Genebra, Grace para Roma e Maria Teresa para Portugal, ao escangalharem essa magnífica tríade de deusas absolutamente profanas, as três amigas juraram tornar a ver-se.

E o juramento foi cumprido: de passagem para a sua terra, os Estados Unidos, porque ela é uma elegantíssima americana, Grace chegou há seis meses a Lisboa. Oito dias depois encontravæ-se com Maria Teresa, e, por uma coincidência deveras agradável para ambas, esta última nessa época uma tarde recebeu um radiograma em que do alto mar Jeanne de volta de Buenos Aires a avisava da sua próxima visita.

Há quasi meio ano, pois, que a esplêndida trindade por algum tempo desmembrada se acha outra vez constituida, gozando as duas estrangeiras a doce companhia de Maria Teresa e o suavissimo clima do nosso País.

Jeanne, porêm, recebeu anteontem uma carta do seu procurador em que êle lhe pede que regresse quanto antes a Paris, a fim de tomar conhecimento das últimas vontades duma tia esquecida, que a fez herdaira duma fortuna tão grande quasi como a que ella actualmente possui. Em vista disto Jeanne parte depois de amanhã para a planissima capital onde nasceu, e por consequência as três deusas cosmopolitas acham-se neste momento reunidas em cela de despedida na sala privada da francesa, num dos primeiros hotéis de Lisboa.

São duas horas da madrugada. Acabaram de cear.

As duas estrangeiras com a estada de meio ano em Portugal já falam com relativa facilidade a língua de Maria Teresa, de modo que, salvo em algumas occasiões, a conversação que vai seguir-se é feita em portuguez.

A mesa em que a leve refeição foi servida, acaba de ser retirada da sala. Numa poltrona, estendendo o seu vibrátil corpo está Jeanne preguiçosa, e aos pés della, sobre todas as almofadas dos aposentos da francesa, comprehendidas as do leito, acham-se Maria Teresa e Grace, esta deltada de lado apoiando a cabeça numa das mãos, aquella sentada como uma pele-vermelha, de pernas cruzadas e encostada a uma pequena mala de viagem que

tem em cima uma grande salva com três taças meias de líquido e uma caixa de aromáticos Sonias.

Junto do improvisado encosto da portuguesa, no chão, um jarro de lavatório com dois viçosos iris, a flor predilecta de Jeanne, e a acompanhá-lo, numa geleira de metal, uma garrafa de champanhe com um guardanapo a servir-lhe de chale.

MARIA TERESA: Um quási nada morena, olhos e trunfa de azeviche aparada pela altura do pescoço, longas pestanas, estatura regular, 29 anos.

JEANNE: Pálida, grandes olhos e milhares de caracóis castanhos, cova do ladrão rapada à navalha, boca pequena muito vermelha, magra e alta, 27 anos.

GRACE: Rosada, cabelos louros côm de tabaco egípcio cortados pela nuca, olhos rasgados azues escuros, lábios finos, um pouco maior do que as outras, 28 anos.

A conversa entre as três elegantes mulheres que caíu por momentos, volta a animar-se:

MARIA TERESA

E pensar eu que depois de amanhã por estas horas vai a nossa querida Jeanne encafuada numa cabine de sleeping car... tão longe de nós...

JEANNE

Oui! C'est vraiment pénible, mes amies,
et lorsque j'y pense... (1)

GRACE

Então, Jeanne, você falta ao prometido.
Combinámos falar só português esta noite.

MARIA TERESA

E' verdade, Jeanne! O' marota!

JEANNE

Têm razão, perdoem... Estou tão triste
por vos deixar. (recordando:) Lembram-se
dos nossos passeios a Sintra, aos Esto-
ris?... E em Coimbra?... Oh! Coimbra!...
Aquele estudante... (sorrindo:) Le pauvre
petit! Comme il était beau tout en noir!... (2)

GRACE, recordando também:

... E depois, na Figueira da Foz...

MARIA TERESA, trocista:

O outro estudante do Casino Luzitano!

GRACE, rindo:

Oh! No, dear! Don't talk nonsenses! It's
not true! Oh! No, no!... (3)

MARIA TERESA

Mas qual foi então a de nós três que naquela noite, depois de não se descolar do rapaz na sala de baile do Casino, lhe pediu ainda, (maliciosa:) por não sabermos o caminho, que nos acompanhasse ao hotel e... e no dia seguinte saiu sosinha para comprar souvenirs, etc., etc., e só nos apareceu, quando nos dispunhamos a dar parte à policia com receio de algum rapto?

GRACE, rindo muito:

E o cavalheiro do Palace de Vidago? O

senhor dos coletes? Do you remember, little Maria? (4)

JEANNE, rindo tambem:

Oh! L'homme aux mille gilets! Ça collait, hein!? (5)

MARIA TERESA, fingindo-se zangada:

O' Grace, você, por favor, não se vingue assim. Um homem que a todo o momento mudava de colete!... Com franqueza, Grace!... Um miserável que apresentava de manhã um colete branco; ao almoço, um azul; ao chá, um amarelo-canário; um verde ao jantar... e isto durante toda a semana que lá estivemos! Cada dia uma tonalidade, um padrão diferente... Você tambem!...

JEANNE

Mas, Maria, você não pode negar que se

dava bastante com éle e supponho que não foi para lhe ver a colecção de coletes que...

MARIA TERESA

Que qué? Tambem você, Jeanne?...
(dando uma gargalhada:) Pois é certo! Flartei, sim, com o camaleão de Vidago!... Mas só flarte, heim?... e consegui saciar um desejo que me tirava a vontade de comer, de dormir... consegui satisfazer a minha doida curiosidade: contar-lhe os coletes! Tinha setenta e cinco! Um record, caras amigas! Nunca vi coisa igual!

(Todas riem)

MARIA TERESA, prosseguindo:

Mas juro-vos: foi só por causa dos coletes. Nunca senti nada por esse homem, senão a vertigem dos seus berrantes coletes.

JEANNE, trocista:

Não querendo isto dizer que a minha pequena Maria não tenha já sentido o puro, o grande, o verdadeiro amor!

MARIA TERESA, pensando e fazendo-se séria:

Não, nunca amei como oiço dizer que se pode amar.

GRACE, sorrindo:

Talvez, Maria. Mas pense bem, querida: há sempre uma recordação mais viva, uma... como vocês dizem em Portugal... uma saudade.

MARIA TERESA, triste, num murmúrio:

Uma saudade... uma grande saudade?...

JEANNE, endireitando-se na poltrona:

Pois bem! Maria e Grace, somos tão amigas e nunca nos confessámos. Porque

não havemos de hoje, na vespera da nossa separação, abrir umas às outras os nossos corações?

GRACE, interessada:

Penso como Jeanne: ganhou a maioria!

MARIA TERESA, condescendente:

Seja. Mas uma condição: tirar-se-há a sorte quem primeiro há-de falar.

JEANNE e GRACE

Aceitamos!

(A francesa levanta-se; tira o único anel que usa, uma caríssima perola côr de rosa, esconde-o numa das mãos e leva-as atrás das costas. Apresenta-as ambas fechadas a Maria Teresa e, depois de as ocultar outra vez, a Grace. Nenhuma das duas escolheu a mão que tinha o anel, por isso é Jeanne quem primeiro vai contar o seu maior amor.)

JEANNE, servindo-se dum Sonia:

Mon premier amour... (acende o cigarro, aspira o fumo. Recordando:) Mon premier, mon grand amour... (senta-se no chão entre as duas amigas:) si tendre, mais si peu poétique... (6)

MARIA TERESA, interrompendo:

Mais parlez donc portugais, chérie! (7)

JEANNE

Minha mãe tinha menos quinze anos do que meu pai. Ela era linda. Lembro-me de que todas as poucas vezes que a via, lhe achava sempre um novo encanto. Eu gostava de minha mãe, porque ela era linda.

Meu pai era um santo. Adorava-o. Pobre papá! Quantas vezes, estando ao seu colo comendo os bonbons ou admirando o presente que ele quási todos os dias me levava, eu o via chorar. No meu espírito de

criança acumulava-se un tas de choses que
je devinais, pas comme il faut, à cause de
confidences entendues parmi les domesti-
ques, avec qui je passais la plus grande
partie de la journée... (8)

MARIA TERESA

Português! Português!...

GRACE

Portuguese!...

JEANNE

Quando o meu querido papá chorava, já sabia que era por causa da má cabeça de minha mãe. Como disse, eu passava a maior parte do tempo entre os criados. A nurse a quem eu estava confiada, uma inglesa viciosa, pouco se importava comigo e, confesso, era-me agradável vê-la

sair de casa às escondidas, para se ir encontrar com os seus amantes, pois assim ficava com a minha liberdade garantida para me meter com a criadagem, a quem ouvia coisas cujo sentido me fazia pensar longamente todas as noites antes de adormecer.

Cheguei aos quinze anos pouco mais sabendo do que lér e escrever. Via cada vez menos minha mãe. O meu venerando papá sem força de vontade admitia-lhe tudo, tudo quanto ela queria fazer. Lembro-me de uma ocasião, escondida atrás de uma porta, tél-o ouvido dizer-lhe: «Mas ao menos pensa na nossa querida filha! Por amor de Jeanne te peço!» Não sei o que meu papá lhe implorava, mas a resposta dela foi: «La gosse? Je m'en fiche!» (9)

Ao ouvir isto corri para o meu quarto e chorei muito, muito com pena do meu

querido papá, mas recordo-me que nem sequer me passou pela ideia saber qual a razão por que minha mãe gostava tão pouco de mim.

Uma tarde que saí com a nurse na limousine de meu pai, reparei no nosso novo chauffeur. Que lindo rapaz! Todo louro! Tão rosado! Parecia ter quinze anos como eu.

Fomos para o Bois. Num dado momento a inglesa mandou parar o auto. Disse-me que ia falar a um seu parente, um homem que eu vi a poucos metros do carro e que pela maneira de vestir adivinhei logo tratar-se de um dos muitos parentes de ocasião da grosseira mulher a quem eu estava confiada.

A inglesa dirigiu-se ao amante, voltando logo em seguida para me dizer que, se mademoiselle o permitisse, faria um

curto passeio com seu primo, pois este queria dar-lhe notícias da família.

Respondi-lhe imediatamente que sim — nunca na minha vida recusei qualquer coisa a essa mulher a quem temia — contentíssima por ficar só no auto com o elegante chauffeur.

Assim que a nurse e o homem se afastaram, chamei o louro condutor que do seu lugar saltou para a rua, encostando-se com a maior naturalidade deste mundo à portinhola da limousine.

Conversámos. Ouvi muitas amabilidades que apesar de cheirarem a óleo e a gasolina me fizeram corar de prazer e por fim, com o pretexto de compor uma cortina do veículo, o rapaz entrou no auto e eu... senti-me agarrada e beijada repetidas vezes.

Não gritei nem opus resistência, mas

tive um ataque de choro tão grande que o meu desgraçado sedutor estava terrivelmente atrapalhado. Daí a momentos apareceu a inglesa sem o parente. Vinha de mau humor.

À noite, só tarde consegui adormecer.

Na manhã seguinte acordei muito contente. Ainda me lembro de que nesse dia eram os anos de papá. Minha mãe dignou-se jantar conosco e, o que me admirou muito, durante a refeição foi gentil para mim e conversou com meu pai. À sobremesa pedi licença para me retirar com o pretexto de ir, não sei fazer o quê, ao meu quarto, e desci ao jardim à espera de que o meu amado chauffeur o atravessasse, quando avisado pelo gong saisse da garage para ir jantar.

Esperei, esperei e, minhas boas amigas, fiquei petrificada quando vi aparecer um

homem gordo e baixo em vez do meu elegante namorado. Fiz-me muito pequenina junto duma roseira a fim de não ser vista; entrei em casa soluçando, e por muitos dias chorei, chorei, chorei...: o meu belo chauffeur havia sido despedido poucas horas depois de ter conquistado o meu coração, em virtude de ter conquistado também a meu pai algumas centenas de francos a mais em gasolina e acessórios para o auto.

Foi o meu primeiro e o meu maior amor.

Um chauffeur! E' ser modesta, não é?
(rindo:) Ah! Ah! Ah!

GRACE, rindo também :

I guess it's the most romantic thing that I ever heard of! (40)

MARIA TERESA, trocista :

E hoje, Jeanne, quando vê algum chauf-

feur não pensa que pode ter ali a sua felicidade?

JEANNE, comicamente séria:

Oui, Maria, j'y pense. Et c'est à cause de cela que depuis longtemps, lorsque j'engage un chauffeur, la première condition que j'exige c'est qu'il porte une très belle barbe blanche! Épatant, pas vrai? (41)

GRACE

Yes, of course, but I think it is not very easy to find a chauffeur under these conditions. (42)

JEANNE

Croyez moi, Grace, c'est plus facile qu'on ne le pense. Il y a, c'est vrai, un tout petit inconvénient: pendant cinq ans j'ai payé les frais d'enterrement de six chauffeurs!... (43)

(Todas riem. Grace que estava

deitada, com muitíssima agilidade levanta-se. Enche as taças, passa-as às duas amigas, e elevando a sua, solene:)

GRACE

Hurrah for such a poetical love! She was «milk-and-roses», he was «oil-and-gasoline», and their glorious love: «bread-and-butter»! (14)

MARIA TERESA, a rir:

Mas então que pouca vergonha é esta? Fala-se português, ou não?

(Grace senta-se na poltrona e inclinada para as companheiras, começa:)

GRACE

Eu viu-o só três vezes. A primeira vez it was while on a trip with a friend of mine, near New York; the second time... (15)

MARIA TERESA

Então, Grace! Português!

GRACE

Oh! The strange adventure!... (interrompendo-se:) ...Excuse me, I shall... (16)

MARIA TERESA

Português! Português! Português!!

JEANNE

Ha! Voilà la petite entêtée! (17)

GRACE, rindo:

A primeira vez que o vi foi durante uma excursão próximo de New York. O nosso automóvel atravessava uma ponte sobre um pequeno rio, quando ouvimos gritos. Parámos imediatamente e, debruçados do parapeito, vimos uma pessoa quasi a afogar-se. Meu primo, duas vezes campeão da

Harvard University e meu único compa-
nheiro destes interessantes passeios, em
dois segundos, depois de um salto magní-
fico, estava junto da criatura em perigo,
trazendo-a para terra. Corri ao encontro de
ambos e sôbre os belos braços do atleta da
Harvard eu vi... believe me, dear friends,
I can hardly describe to you, even in my
own language, the wonderful sight I saw
in my cousin's arms:

(Jeanne e Maria Teresa inte-
ressadas desta vez não protes-
tam.)

Imagine Mercury himself just coming
from the water after a rendez-vous with
Aphrodite—Imagine this, and you will then
be able to form some idea of it... (18)

JEANNE

Bigre! Le porteur du caducée! (19)

MARIA TERESA

Eia! O que aí vai!

GRACE

O lindo e húmido deus disse-nos que havia sido atacado por dois bandidos que, depois de o roubarem, o tinham tentado afogar. Pela maneira de se exprimir, reconheci logo que era estrangeiro, suspeitando que fosse italiano. Agradeceu-nos muito o que por êle havíamos feito e pediu-nos que o levássemos a sua casa.

Durante o trajecto eu devorava-o com os olhos: era um anjo!

Nunca tinha visto um homem tão lindo.

Ao despedir-se, disse-me chamar-se Pietro Malaspina e, quando lhe apertei com força a sua mão, corou e baixou os grandes olhos divinos.

Por êsse tempo estava hospedada no



À vista da minha arma o pobre ladrão levantou os braços...

Desenho de A. d'Almeida Azevedo

Waldorf Astoria, onde o meu primo me deixou logo a seguir um pouco despeitado por causa do meu entusiasmo pelo molhado Mercúrio.

Durante muitas semanas pensei no esplêndido Pietro, e creiam que de dia para dia tinha mais vontade de tornar a vê-lo.

O meu desejo, porém, foi satisfeito duma maneira estranha. Uma noite acordei em sobresalto: tinha a impressão de que estava alguém no quarto. Alcancei a minha pistola e sem fazer barulho dei uma volta ao interruptor eléctrico: a luz encheu o aposento e eu vi um vulto fugir para a casa de banho. Não senti medo: sabia que tinha de haver-me com qualquer rat d'hôtel, pessoas quasi sempre muito delicadas.

À vista da minha arma o pobre ladrão levantou os braços, e eu, como era a primeira vez que me encontrava em tais con-

dições, achei imensa graça, ri até ao ver a triste figura que o intruso estava fazendo. O homem, com um fato inteiro, negro, de feitio igual aos usados pelos mecânicos... (a Jeanne:) não era chauffeur..., tinha uma máscara negra também, mas apesar disso eu adivinhava por baixo dela uma cara bastante atrapalhada.

Ordenei-lhe que mostrasse o rosto. Ele hesitava. Mas como eu o prevenisse de que sabia muito bem servir-me da minha Webley, acabou por fazer o que eu mandava: a máscara caiu no chão e... a minha arma também. Tinha na frente o belo italiano por quem eu suspirava havia tanto tempo! Compreendi nesse momento que havia absolutamente caído em amor pelo formoso Pietro. Sentia tão grande contentamento que lhe pedi imediatamente que passasse ao meu dressing room, não achando a casa

de banho lugar muito próprio para receber aquele que eu queria que viesse a ser o orgulho do meu coração.

Disse-lhe que estava encantada por tornar a vê-lo, não obstante isso dar-se em circunstancias tão fóra do vulgar. Mas que esse facto mesmo era extremamente agradável para mim, uma mulher amiga do imprevisto, do original.

Uma coisa que estranhei bastante, porém, foi Pietro impressionar-se muito mais quando me sentei junto d'ele em pyjamas, do que a principio, em frente da pistola, e sobretudo em frente de mim quasi nua, pois a rapidez com que fui obrigada a saltar da cama para o perseguir, originou que lhe apparecesse em camisa.

Verdadeiramente o magnifico italiano era um homem pouco vulgar!

Caiu-me aos pés rogando que lhe per-

doasse, pois era um infeliz, um fraco, obrigado a roubar pelo pai, o chefe dum terrível bando de gatunos.

Por minha vez lhe pedi que estivesse completamente descansado, pois, se havia alguém que menos interesse tinha em vê-lo na prisão, esse alguém era eu. Por fim, minhas amigas, até fingi uma síncope, o que me ia causando uma grande contrariedade, porque o inocente Pietro se preparava para tocar à campainha de alarme.

Deixei-o enfim ir-se embora depois dele me ter jurado que nos tornaríamos a ver brevemente. Mas fiquei tão desanimada com as maneiras pouco gentis do meu Pietro !...

No dia seguinte, passada uma horrível noite de insónia, dispunha-me a descer ao hall do hotel — não me lembro para quê. A cage do elevator mais próximo do meu quarto estava em baixo nessa ocasião, por

isso, como eu me achava num dos andares mais elevados, dirigi-me para outro lift, num angulo afastado do corredor. Passei em frente de um quarto cuja porta estava entreaberta, e por acaso olhei. E que vi eu? Adivinhem, minhas amigas!

Dois homens agarrados aos beijos... e um deles era o meu Mercurio!

MARIA TERESA e JEANNE

Oh!...

GRACE

Fiquei apatetada! Mas ainda ouvi o outro homem dizer: «Never mind, Francesca, the girl is dotty». ⁽²⁰⁾

JEANNE e MARIA TERESA

Oh!...

GRACE, rindo:

Minhas boas amigas, quando voltei a

mim do meu grande espanto, havia feito uma corrida de bastantes milhas pelos corredores do pavimento em que estava. Fui dar comigo junto, como me recordo bem!... junto do quarto numero 716, e aquele que eu ocupava tinha o numero ... só me lembro de que começava por um 5. Estava desorientada!

MARIA TERESA, sorrindo :

Infeliz Grace. E depois?

GRACE

Depois? Depois mudei de hotel e desde então, quando sinto que vou cair em amor por alguém, uma das primeiras perguntas que faço é esta: — Que idade tem? Se é mulher, percebo logo.

JEANNE

Bravissimo! Vive la grande américaine
dont le sens pratique honore sa Patrie! (21)

GRACE

E agora, Maria, vamos ouvir.

JEANNE

Oui, puisque le dernier... non, la der-
nière sera toujours la première. (22)

(Maria Teresa que ultimamente está triste, acha-se agora sentada sobre os calcanhares como uma japonesa. É nesta posição que conta toda a sua história. Jeanne e Grace continuam como estavam: esta na poltrona, aquela deitada nas almofadas).

MARIA TERESA

Era lindo! E tão meu amigo... Os olhos negros, grandes, meigos!... E a boca?

Aquela boca tão querida, tão pequena e fresca que eu beijei tanto, tanto... Os cabelos castanhos quási pretos eram um mar revolto de caracóis...

GRACE

Listen, Maria, what is caracóis? (23)

MARIA TERESA, depois de pensar um pouco:

Curls, I think... (24) Tão meu amigo, o pobresinho... Como eu o adorava! Encontravamo-nos poucas vezes, às escondidas do pai. E que alegria me traziam esses encontros! Durante dias os meus ouvidos ficavam cheios da sua clara e doce voz e, quando fechava os olhos, a sua idolatrada imagem fazia-me sorrir sózinha.

Os anos passavam...

JEANNE, para Grace:

Mais c'était un amour pour la vie! (25)

GRACE, para Jeanne :

It was an eternal love! (26)

MARIA TERESA, sem fazer caso :

... e dia a dia o nosso grande amor aumentava.

Uma vez apareceu-me pálido e, ao aperta-lo muito contra mim, beijando-o sofregamente, senti que os seus lábios estavam ásperos, escaldavam. Os seus grandes olhos que as olheiras tornavam maiores...

JEANNE

Pardon, Maria. Olheiras? Je ne comprends pas. (27)

MARIA TERESA, nervosa por ser interrompida :

Olheiras! Attendez... Ah! Voici: ça veut dire les yeux entourés d'un cercle bleuâtre...

les yeux cernés. (28) Não me soube mentir, coitadinho: havia dias que estava doente. Tinha-se levantado da cama de propósito para me ver. (muito comovida:) Anjo querido! Era bom demais para estar cá neste mundo! Mal sonhava eu nessa ocasião que não tornaria a sentir as suas inolvidáveis carícias. Daí a tempo, ó meu Deus, como me lembro bem! (limpando uma lágrima:) vim a saber que nessa mesma noite havia piorado, começando logo a delirar.

Até partir deste mundo, disseram-me depois, não deixou de chamar por mim. Foi o pai, o maldito!... como eu sempre o odiei!... que não deixou que me avisassem.

Quando soube que morrera, fiquei doida. Corri ao palácio, onde estava morta a minha vida. Ninguém ousou deter-me; cheguei junto do caixãozinho, louca, gritando. Agarrei o pobre corpinho frio... Como éle

estava lindo! (soluçando:) E sorria-se para mim... tão pálido... tão magrinho...

JEANNE, intrigada e comovida:

Il était si petit?! (29)

GRACE, como Jeanne:

So small?! (30)

MARIA TERESA, num ataque de choro:

Tinha nove anos... Era o meu... o meu filho... o meu bem amado filhinho...



Jeanne partiu para a sua terra, não, porém, no dia em que tencionava, porque, já na gare meio minuto antes do comboio partir, ao querer retocar os lábios — depois de efusivamente se ter despedido de Maria Teresa e de Grace, deixando impressas muitas bocas vermelhas nas faces delas — descobrira que se havia esquecido do seu inseparável companheiro, o «bâton rouge», sobre o

toucador do quarto seguir viagem nestas condições, se não era impossível para Jeanne, pelo menos, seria insuportável.

Mas dias depois era certo. Maria Teresa e Grace voltavam tristes da estação do Rossio. A tríade esplêndida tornara a desmembrar-se. Jeanne fôra-se!

Passada uma semana, Grace saía a nossa imponentíssima barra a caminho do país dos prédios altíssimos e no seu amplo beliche, como Jeanne o fizera e fazia, recordava com saudade intensa a «Portuguesinha querida», como elas às vezes tratavam a amiga. Maria Teresa, porém, como ficava, sentiu ainda mais a separação, e mais do que elas por muito tempo chorou os inolvidáveis momentos que a grande amizade das três lhe proporcionara.

A confissão que umas às outras haviam feito na madrugada das vésperas da despedida, aumentara o grande afecto que as unia, porque essa confissão fôra sincera. Nela se haviam mostrado o que verdadeiramente eram: **Mulheres! Mulheres! Infinitamente Mulheres!**

Com efeito as «Mulheres de hoje» ridicularizam-se ao pretenderem masculinizar-se cortando os cabelos, fumando cigarros e charutos, montando escarranohadas, enfim, abraçando profissões inverosímeis para o seu sexo:

A Advocacia... Oh!... não querendo dizer que uma toga não fique a matar a uma loirita...

A Engenharia... Credol... mas, indubitavelmente,

uma ruiva com um fato de macaco de ganga é magnífica!...

Ao Parlamento... Abrenúncio!... que prazer, porém, em apanhar-se com a tampa duma carteira na cabeça, quando aquela seja empunhada por uma grande morena!...

Mas as «Mulheres de hoje», atrás dos seios que sempre tiveram, têm e terão, possuem todas um diabito muito, muito vermelho, garoto e tirano que as atraíça sem dó nem piedade: o «Coração de sempre».

Verão de 1922.

Traduções

- (1) Sim! É verdadeiramente doloroso, minhas amigas, e quando penso nisso.
- (2) O pobre pequeno! Como êle era belo todo de preto!...
- (3) Oh! Não, querida! Não diga contrassensos! Isso não é verdade!
Oh! Não, não!...
- (4) Lembra-se, Mariazinha?
- (5) Oh! O homem dos mil coletes! Era mesmo ao pintar, heim
- (6) O meu primeiro amor... O meu primeiro, o meu grande amor...
tão terno, mas tão pouco poético...
- (7) Mas fale português, querida amiga!
- (8) ...um montão de coisas que eu adivinhava nada correctas em
virtude de confidencias ouvidas entre os criados, com os quais
eu passava a maior parte do dia...
- (9) A garota? Bem me importa!
- (10) Parece-me que nunca ouvi coisa mais romântica.
- (11) Sim, Maria, penso. E é por isso que de há muito, quando tomo
ao meu serviço um chauffeur, a primeira condição que exijo
é que êle use uma formosissima barba branca. Catita, não é
verdade?
- (12) Sim, evidentemente, mas penso que não é lá muito fácil arran-
jar chauffeur nestas condições.
- (13) Acredite-me, Grace, é mais fácil do que se pensa. Há, é verdade,
um pequenino inconveniente: durante cinco anos paguei as
despesas de enterro de seis chauffeurs.

-
-
- (14) Hurrah por um poetico amor assim ! Ela era «leite e rosas», «ele
«óleo e gasolina», e o seu glorioso amor : «pão com manteiga» !
- (15) ...foi durante um passeio com um amigo meu, próximo de New
York ; a segunda vez...
- (16) Oh ! Que estranha aventura !... Perdoem-me, eu...
- (17) Ah ! Olhem a teimosita !
- (18) Acreditem, queridas amigas, mesmo na minha lingua difficilmente
lhes posso descrever o que de maravilhoso vi nos braços de
meu primo :
Imaginem o próprio Mercúrio acabado de sair da agua, depois
duma entrevista com Afrodite. — Imaginem isto, e assim ficarão
habilitadas a fazer ideia do que eu vi.
- (19) Safa ! O portador do caduceu !
- (20) Não te rales, Francesca, a rapariga está louca de amor.
- (21) Bravissimo ! Viva a grande americana, cujo senso pratico honra
a sua patria !
- (22) Sim, visto que o último... não, a última será sempre a primeira.
- (23) Ouça, Maria. O que são caracóis ?
- (24) Caracóis, penso...
- (25) Mas isso era um amor para toda a vida !
- (26) Era um amor eterno !
- (27) Perdão, Maria. Olheiras ? Não compreendo.
- (28) Espere... Ah ! Olhe : quere dizer os olhos rodeados de um cir-
culo azulado... os olhos «cernês».
- (29) Ele era tão pequeno ? !
- (30) Tão pequeno ? !
-
-

